

• A QUESTÃO IDENTITÁRIA NA PERSPECTIVA DA PRAGMÁTICA LINGÜÍSTICA

Coordenador(a): *Kanavillil Rajagopalan*

O tema da identidade, em tempos de pós-modernidade - exatamente quando as essências não germinam e as grandes metanarrativas mostram seu fracasso no que diz respeito a qualquer pretensão de stasis ou totalidade, tem adquirido cada vez mais urgência. Percebe-se atualmente um intenso movimento nas ciências humanas em delinear os contornos desse tema escorregadio e multifacetado que é a identidade. Questões do tipo: "É a identidade anterior à linguagem?", "É a identidade de natureza constativa ou performativa?", "Qual o papel da alteridade na questão identitária?", entre tantas outras, têm ocupado a agenda de vários campos do saber e, em especial, da pragmática lingüística. Nesse sentido, o presente simpósio agrupa trabalhos de cunho teórico e aplicado que, partindo do compromisso assumidamente ético da pragmática lingüística em entender a ação mesma que a linguagem é, apresentam formulações em torno do tema da identidade.

DISCURSOS SOBRE LITERATURA E IDENTIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE SEUS DESDOBRAMENTOS E IMPLICAÇÕES

José Garcez Ghirardi (PUC-SP)

As aproximações entre literatura e construções de identidade ocupam, há algum tempo, espaço privilegiado dentro dos estudos literários. Esta apresentação busca refletir sobre algumas das implicações decorrentes deste diálogo, tanto no que diz respeito ao discurso sobre práticas identitárias como nos pressupostos que assume em relação ao fazer literário.

A PRAGMÁTICA DO (DES)ENTENDIMENTO

Jair Antonio de Oliveira (UFPR)

O uso da linguagem nas relações interpessoais deve convergir para ações de cooperação e compreensão entre os indivíduos conforme normas institucionalizadas socialmente. No entanto, observa-se no cotidiano das interações a transgressão a este preceito básico, ou seja: transforma-se o que é regra (a busca do entendimento mútuo)em exceção; e o que é exceção (o desentendimento), em regra para as ações lingüísticas. Para explicar este deslocamento e relacioná-lo à questão identitária é necessário empregar diferentes habilidades, níveis e sistemas de conhecimento lingüístico e não-lingüístico, exemplificados neste trabalho pelos princípios pragmáticos da Ironia e da Polidez.

ESPAÇO: UM VETOR DA SUBJETIVAÇÃO

Dina Maria Martins Ferreira (MACKENZIE)

Na sociedade atual, contemporânea, de grandes tecnologias, em que nosso tempo é um instante e nosso espaço, um quase nada, a questão da subjetividade se faz, ora intensa pelas forças que a circundam e ora por seu apagamento. É sob esse alvoroço de subjetivações, vamos indagar como sujeitos se fazem "transeuntes" no espaço em que se inserem. A noção de espaço passa a ter o status de um vetor do movimento social; ou seja, o espaço é uma magnitude dotada de direção, pois é na posição em que o sujeito se estabelece que se percebe a direção identitária do sujeito. Três veios organizam essa argumentação: espaço, sujeito e impacto. Espaços se organizam pelo eixo da localidade e da globalização; sujeitos são perfilados de acordo com a

práxis específica em relação ao lugar em que se movimentam; e desse movimento em espaço, subjetivações são construídas. Dentre vários processos de subjetivação, apontamos as posições panóptica e sinóptica dos sujeitos e as formas de conhecimento que os sujeitos acessam, informações pelo vivido/sentido em contraponto àquelas adquiridas pela descrição. Muitos fios vão se superpondo na construção de uma rede relação não-linear que configuram identidades de uma pós-modernidade.

IDENTIDADE E LINGUAGEM

Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP)

Uma das maneiras de explicar a diferença entre a semântica e a pragmática é apontar que, enquanto a primeira se preocupa com supostos fatos consumados, a segunda se dirige à construção daqueles fatos. Alguns pragmatistas, no entanto, vêm insistindo que o processo de construção se dá de forma contínua e ininterrupta. Ora, dentro dessa ótica o que merece maior atenção não é o processo propriamente dito, mas a própria sensação de que há produtos acabados aptos para serem analisados e classificados. Entre esses "produtos" estão as mais diferentes identidades que postulamos.

LINGUAGEM E (DES)ENTENDIMENTO: UMA ABORDAGEM À QUESTÃO DA IDENTIDADE

Djane Antonucci Correa (UEPG)

Um dos interesses dos estudos de linguagem, condizente com constituição de identidades e com marcas de subjetivação, diz respeito ao que Rancière (1996) chama de "desentendimento". Trata-se de um tipo determinado de situação da palavra: aquela em que um dos interlocutores, ao mesmo tempo, entende e não entende o que diz o outro. Para este filósofo, desentendimento não é o conflito entre aquele que diz branco e aquele que diz preto. É o conflito entre aquele que diz branco mas não entende a mesma coisa, ou não entende de modo nenhum que o outro diz a mesma coisa com o nome de brancura. Os casos de desentendimento são aqueles em que a disputa sobre o que quer dizer falar constitui a própria racionalidade da situação da palavra. O fenômeno não diz respeito apenas às palavras. Incide, geralmente, sobre a própria situação dos que falam. Quando há interrupção dos efeitos de dominação e os dominados deixam de participar da comunidade de linguagem apenas sob a forma de compreensão, passando a possuí-la, estes passam a existir enquanto entidade, uma vez que há troca lingüística, há discussão, há política. Com base nessa breve exposição, este trabalho pretende trazer para discussão alguns pontos relacionados à questão identitária, em sua correspondência com os estudos lingüísticos, ensino e relevância social. O roteiro de exposição das idéias terá, como uma das bases, depoimentos recentes de docentes, discentes e pesquisadores da área.

NEGROS E AÇÕES AFIRMATIVAS: O QUE A PRAGMÁTICA TEM A DIZER SOBRE ISSO?

Kassandra da Silva Muniz (UNICAMP)

Atualmente, voltamos a debater a questão do negro no Brasil, devido ao "perigo" que ele representa hoje em dia, uma vez que há projetos de lei que estão empenhados em incluir nos espaços públicos essa parte da população historicamente excluída. Não pretendo aqui empenhar uma discussão sobre essa questão das ações afirmativas especificamente, mas gostaria de chamar a atenção para o fato de que falar sobre o negro está "na moda", seja para perpetuar o discurso da discriminação/exclusão seja para propor alternativas de inclusão. O que não temos numa quantidade expressiva são os próprios negros discutindo sobre essa questão, a partir não apenas de um aparato teórico consistente e relevante, como também a partir de suas próprias

vivências e experiências sobre o assunto. Acreditando que fazer ciência também envolve uma dimensão política, isso se não pudermos falar que esta é constitutiva daquela, nos fazemos as seguintes perguntas: quem é este negro que está no imaginário das pessoas quando se discute essas questões?; qual a constituição e especificidade da subjetividade dele?; que identidade o negro se auto-atribui e é atribuída a ele? Essas questões são importantes porque é necessário que saibamos a que sujeito estamos nos referindo quando pensamos no negro. Ainda é altamente atual o debate se ser negro é uma questão de cor ou raça; se realmente existe a "categoria" negro, já que somos um povo mestiço; se o preconceito é racial ou social, entre outras questões que estão na base desses debates. A questão que pretendemos nos concentrar aqui é que quando dizemos, nos referindo a alguém: ele ou ela é negro/negra, não se trata puramente de uma constatação. A partir do momento que este enunciado é proferido, estamos atribuindo uma identidade a esse sujeito, identidade esta que é sócio-historicamente construída.

SOBRE A FEIÇÃO VIOLENTA DA LINGUAGEM E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Daniel do Nascimento e Silva (UNICAMP)

"A fala está sempre, de algum modo, fora de controle", diz Judith Butler. Subjaz a essa formulação a idéia de que o ato de fala, para além de uma categoria que possa ser passível de saturação ou de diferenciação tranqüila em termos de constatividade/performatividade, funciona numa cadeia iterável que não é imune à falha, ao abuso, à queda ou à violência. O ato de fala, em outras palavras, enquanto produto e produtor de um corpo falante, está submetido a condições de felicidade inscritas nas instâncias do inconsciente e do outro, num processo em que a abjeção e a violência são marcas constitutivas. O transeunte althusseriano, que se torna sujeito ao ser interpelado pelo guarda (Hei, man!), é um bom exemplo da ação violenta do ato de fala: no momento da designação (violenta) do guarda, uma subjetivação se torna possível. O presente trabalho parte, nesse sentido, da hipótese de que o ato de fala é, já de partida, violento, para discutir usos da linguagem ordinária em torno da categoria "nordestino/a". A leitura de usos como "Os gringos preferem as nordestinas" ou "Vadia, piranha, nordestina", se informada pelos princípios que brevemente comentei, revela que há aí mais do que preconceitos em questão, mas uma violência linguageira que carrega em si a necessidade de sua própria crítica.